

42º Encontro Anual da Anpocs;

*Bastide in concert.* Um exame das possibilidades analíticas da obra de Roger Bastide.

Carmen Felgueiras

([carmen.ppgsd@gmail.com](mailto:carmen.ppgsd@gmail.com))

Neste trabalho pretendo examinar algumas articulações passíveis de serem encontradas na fortuna crítica de Roger Bastide entre a carreira, o ambiente institucional no qual ela se realizou, e as decisões tomadas por ele na qualidade de pesquisador e autor. Ou seja, procuro identificar em seus intérpretes de que modo as correlações entre o intra e o extra-teórico operam no sentido do delineamento de um certo estilo intelectual do autor.

Nesse sentido, trato de fatos bastante conhecidos e estudados sobre a vida e a obra de Bastide e, portanto, admito não ter qualquer pretensão de novidade interpretativa, mas apenas de propor entonações diferentes, formas de enunciação diversas das questões já colocadas por seus intérpretes consagrados.

Contudo, não deixa de estar em questão aqui a singularidade de uma trajetória, considerando a possibilidade de que o trabalho de Bastide sobre religiões afro-

brasileiras represente uma crítica das sociedades ocidentais modernas a partir de seu diálogo com vertentes heterodoxas da sociologia francesa como a do Collège de Sociologie. São indícios para uma interpretação neste sentido a visão idiossincrática de Bastide sobre arte, religião e crítica literária, quando ele elege seus objetos de pesquisa específicos, quando estabelece uma parceria com Pierre Verger e traça roteiros de viagem que consolidam a sua escolha, afastando-se do *mainstream* do tema do racismo.

Estes estudos, embora dotados de relativa autonomia, circunscrevendo-se ao campo da pesquisa antropológica e da sociologia das religiões mundiais da sua época, poderiam ser vistos como uma espécie de resposta àquelas circunstâncias de natureza "extra-científica", ou ligadas ao limites mais externos do campo intelectual. Derivam desse conjunto de questões uma conclusão preliminar acerca do modo como exigências institucionais que afetam ou mesmo direcionam pesquisas e opções temáticas são moduladas pelo pesquisador, ou seja, no caso de Bastide, principalmente no modo como contornar exigências que impuseram uma escolha do objeto, uma reflexão teórico-metodológica, assumindo atitudes práticas para lidar com as relações conflituosas entre o ponto de vista europeu e o das sociedades nativas.

Assim, procurei distinguir na literatura sobre Bastide basicamente três possibilidades de consideração da relação ator/contexto que constituem elementos estratégicos de explicação ou de argumentação dos diferentes trabalhos. Uma, que atribui o estilo do autor, sua sociologia e seus métodos de pesquisa, às características da sua personalidade e estas, às experiências de infância. Outra, que vê nas características institucionais do contexto intelectual francês a explicação para as decisões teóricas tomadas pelo autor. Por fim, uma terceira que, escapando do dilema ator/contexto, tem como interesse central analisar o diálogo de Bastide com outros intelectuais e contemporâneos como elemento fundamental para a formação de seu estilo. (Nesta alternativa estaria funcionando uma certa ideia de afinidades eletivas entre autor e ideias à disposição, o que permite perceber nuances e modificações, mas não explicá-las)

Paralelamente a esse esforço de classificação, pretendo demonstrar que cada uma dessas opções interpretativas encontra ressonância nos trabalhos de Bastide, o que

permitiria formular algumas questões sobre o papel das estruturas e do ator nas suas explicações sociológicas.

a) A importância do ator

Exemplar dessa via interpretativa é a tese de Charles Beylier, apresentada em 1977 à École des hautes études en Sciences Sociales de Paris sobre a obra brasileira de Roger Bastide. Como é possível observar, todos os fios da narrativa de Beylier são tecidos no sentido da construção de uma vida e uma obra singular, assim como para colocar em relevo o protagonismo do autor nas decisões que toma ao longo da sua carreira.

Desde logo, o motivo que o traz ao Brasil: embarcando em um projeto que tem em grande conta a missão da França no mundo, o movem as questões compartilhadas com Georges Dumas acerca da psiquiatria e da psicanálise<sup>1</sup> - em oposição ao imperialismo sociológico - e a oportunidade de pensá-las aqui.

Antecipando-se, talvez, às críticas à discrição de Bastide quando se trata da política brasileira, faz questão de afirmar por outras vias o sentido político da sua atividade acadêmica. Segundo Beylier, ainda que veladamente, dado o risco real de extradição na ditadura Vargas, faz parte do estilo de Bastide a sutileza com que afirma e exerce os valores políticos de esquerda ao tomar como tema a condição do negro e a cultura popular, temas considerados suspeitos pelo poder instituído. (Beylier, p.92)

Por outro lado, é próprio dele o cuidado com que percebe o etnocentrismo e mesmo a violência de uma imposição arrogante de teorias e métodos, desconsiderando a importância das contribuições dos autores nacionais. Cuidado coerente com uma concepção da pesquisa e da atividade acadêmica como troca e que implica, por sua vez, em conceber o saber produzido no Brasil não como objeto, mas como sujeito, na medida em que representava um saber interiorizado que lhe faltava.

---

<sup>1</sup> Estão ausentes do quadro explicativo traçado por Beylier o fato de Bastide ter compartilhado com outros intelectuais franceses, com a etnografia e o surrealismo temas como o sonho, o transe e as religiões africanas. Ver Nucci, 2013, p. 35.

Essa abertura para o outro também se faz presente na importância que dá ao aspecto criativo do ensino: não sucumbir ao torpor didático, à criação do hábito, à transmissão de um saber morto. (Idem, p.95)

Contudo, essa mesma abertura para o outro tem implicações mais amplas e é peça fundamental do estilo bastidiano, segundo Beylier. Constitui esse estilo intelectual, e de vida, a abertura para o acaso. “Há com efeito, em sua atividade científica, uma dupla atitude. Como todo pesquisador, ele tem uma hipótese de trabalho, um objetivo a atingir um projeto, mas subjacente à esta atitude ativa, encontramos nele uma atitude passiva pela qual ele recebe, acolhe aquilo que ele não procura precisamente e que lhe é ofertado, dado, como que gratuitamente. Ou seja, para ele, o “dado” é mais importante que o “buscado””. (Idem, p. 218)

Da mesma forma, sintetiza, não teria tido a obra brasileira de Bastide esse sentido de uma aventura? A aventura de um francês que experimenta duplamente o cosmopolitismo em sua terra natal, quando se desloca para Paris e quando viaja para o Brasil e que é capaz de afirmar: “Plus on est loin des racines, du début du troc, en somme de la famille, de la terre et des morts, et plus on est riche de sève et de vie”(Idem, p.94)

De onde vem, pois, esse espírito “marcado pelo ecletismo, um pensamento que é elaborado e se nutre de pensamentos complementares, opostos, contraditórios que ele procura por em diálogo, em confronto, de tal sorte que ressalta o próprio movimento que une, opõe ou prolonga o pensamento dos autores estudados, mais do que buscar uma síntese nascida desta confrontação”? Espírito que Beylier entende como adequado ao estudo de um país onde “a harmonia existe justamente no contraste, o contraste persiste justo na reconciliação dos antagonismos” (Idem, p.101)

É quando discute o método de pesquisa da observação participante de Bastide, que a questão é por fim enfrentada. Beylier se indaga como um espírito como o de Bastide foi possível no ambiente durkheimiano da Faculté de Philosophie. É na resposta a essa indagação que encontramos o cerne da explicação da tese: começa na página 209, onde ele, baseado nos depoimentos do próprio autor, narra as suas experiências de infância. Vale citar:

“Desde da época em que, ainda criança, ele passeia com seu pai nas ruas de Anduze, conversando com pessoas simples do lugar sobre as dificuldades da oficina de fabricação de chapéus, e a difícil passagem de uma economia familiar de tipo patriarcal, à economia moderna, Roger Bastide estava bastante convencido que o contato com o povo é uma fonte privilegiada de conhecimento.”(Idem, p.209)

Mais adiante completa: “em seu desejo de viver a experiência social, de se deixar transformar pelo que estuda, Roger Bastide fora agraciado com um dom de empatia certamente fora do comum e que se enraizava tanto nas suas experiências familiares - ele sempre quis se considerar como um homem do povo-, nas suas raízes protestantes - um respeito religioso pelo outro -, em sua vasta cultura científica e humanista - que para ele era um meio de comunhão”.(Idem, p.211)

Assim, constitui corolário desta via de interpretação a ênfase dada por Bastide, tanto ao ator, quanto à sua subjetividade. Sem ilusões quanto à possibilidade de conhecimento objetivo e perfeito da realidade, Bastide propõe uma psicanálise da sociologia para descobrir o condicionamento psíquico dos pesquisadores. E é justamente isso o que põe em prática quando pede à sua equipe de pesquisa que escrevessem sobre todas as experiências que tivessem tido com os negros. (Maria Isaura Pereira de Queiroz, apud Beylier, p.217) .

Seja portanto determinando os erros e acertos de uma pesquisa, seja produzindo interpretações consistentes sobre o Brasil, a atribuição de tal potência aos atores sociais pode ter sido fundamental para que ele conferisse àquelas interpretações um poder formativo da própria sociedade brasileira e, assim, levasse em conta a importância das várias gerações de autores brasileiros, independentemente de uma adesão ao discurso sociológico stricto sensu, para o entendimento dessa sociedade.

#### b) A importância do contexto

Embora já houvesse se posicionado no ambiente intelectual francês, quando chega ao Brasil em 1938, para substituir Lévi-Strauss na cátedra de Sociologia I na recém-

criada Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Universidade de São Paulo, Bastide, professor de liceu na França, era um professor e pesquisador estreante no meio universitário. E a USP uma instituição com quatro anos de existência.

Teria todo esforço de institucionalização empreendidonão nesta instituição “formatado” esse professor e pesquisador estreante? Em seu estudo sobre a produção estrangeira sobre o país, Heloisa Pontes traça os contornos institucionais dessa produção, correlacionando “a preponderância do setor editorial paulista na publicação da produção adventícia sobre o país [à] configuração particular do movimento de institucionalização das Ciências Sociais em São Paulo (Pontes, p.457) . No caso de Bastide, a autora vê como explicativos da sua influência na formação das primeiras gerações de cientistas sociais “seu empenho em desvendar aspectos variados da realidade e da cultura brasileiras, aliado à sua atuação como professor da Faculdade de Filosofia da USP e à duração de sua permanência no país”. (Idem, p. 456). Além disso, se os outros méritos são atribuídos a ele, são, na verdade, reveladores das representações e auto-representações construídas no contexto “das relações intelectuais e institucionais dos estrangeiros com brasileiros e vice-versa.””(Idem, p. 455). Neste sentido estão ancora neste contexto os vários outros registros de seus alunos - Maria Isaura Pereira de Queiroz, Antonio Candido, Florestan Fernandes, por exemplo - que se ocuparam em registrar o valor da contribuição original do mestre.

Essa via de interpretação permitiria, por ilação, ampliar o argumento para o contexto original do período de formação de Bastide na França, que, pode ter influído decisiva e paradoxalmente numa direção oposta.

O importante e já clássico trabalho do professor da Universidade de Chicago, Terry Nichols Clark, sobre o contexto francês<sup>2</sup> descreve características do sistema intelectual deste país que apontam para uma singular coincidência de fatores que pode ter atuado conjuntamente na conformação da carreira e da obra de Roger Bastide. Na equação proposta por Clark, preocupado em explorar os limites e as possibilidades das decisões individuais e de grupo diante dos constringimentos estruturais mais amplos, quando a atividade intelectual se realiza em contextos de baixa institucionalidade, são

---

<sup>2</sup> Prophets and Patrons, the French University and the emergency of Social sciences, de 1973.

favorecidas experiências heterodoxas, anárquicas, ou, em seus termos, espontâneas em oposição aos modos de pensar padronizados, produzidos e reproduzidos nas instituições mais consolidadas.

Essa tese se confirmará sobretudo na ciência social francesa. Tanto em um momento anterior à ascensão do grupo de Durkheim, quanto posteriormente ao seu declínio, após a primeira guerra mundial, aquelas forças e experiências estiveram presentes no ambiente do Quartier Latin parisiense, cujo clima sempre possuiu forte poder de atração sobre os estudantes provincianos que chegavam a Paris.

“Students and many faculty members were only loosely attached to any social or intellectual institutions. Writers, artists, publishers, journalists, streetcorner philosophers, and would-be poets worked and resided in the same area, forming a constantly arguing, gesticulating, criticizing audience that would float in and out of cafés, cabarets, bookstores, and lectures. With no dormitories, hostels, *Stude te heime*, fraternities, or residential colleges, minimal involvement in sports, clubs, or extracurricular activities as in other countries, the students arriving from the provinces could easily become anomic.” (Clark, p.13)

Foi neste cenário e contra o mainstream durkheimiano que, nos anos 30, Lévi-Strauss e os etnólogos franceses, dentre os quais incluía-se Bastide, trabalharam, seguindo a tradição etnológica de Mauss no Institut d'Éthnologie e no Musée de l'Homme, na EPHE e no Collège de France, e que, segundo Clark, moviam-se mais pela improvisação, prescindindo do suporte de uma massa crítica intelectual profissional (Idem, p.233)

Bastide inclinava-se portanto a seguir os passos de Marcel Mauss, Maurice Halbwachs, e Maurice Lévy no sentido da aproximação da Sociologia às outras disciplinas e da pesquisa de campo, mas também de não-durkheimianos como Gabriel Tarde e sua sociologia dos contatos culturais. São questões que mais o interessavam: o aspecto sincrônico das trocas culturais, o modo como as influências culturais externas se faziam perceber nas manifestações religiosas e artísticas de uma determinada sociedade e sobretudo o diálogo ou reflexividade entre o vivido e o pensado. No que se refere, por



exemplo, à teoria do simbolismo religioso, tal como a concebida por Durkheim e por Mauss, a inclinação de Bastide, assim como, na França, de muitos dos integrantes do *Collège de Sociologie*, dar-se-ia na direção do segundo, para quem, ao contrário do seu tio –que fundava habitualmente as categorias na morfologia social-, é o simbólico que torna a possível própria sociedade. Para Mauss, por conseguinte, são os atores que, quer em seus estados alterados, quer em seus papéis cotidianos, teriam, enquanto produtores de símbolos, um genuíno poder formativo na vida social, evitando, portanto, a ideia da sociedade como algo exterior aos indivíduos.

Essa perspectiva contextualista permite entender por que Bastide, ao estar menos afetado pelo mainstream acadêmico, esteja mais livre para circular por entre vários campos disciplinares e temas de pesquisa, como por exemplo, neste caso, em que seus estudos sobre as religiões afro-brasileiras imprimem um nota dissonante nos estudos sobre raça vigente em nosso meio intelectual e acadêmico.

### c) A importância do diálogo

Se os diálogos intelectuais de Bastide com autores brasileiros e suas interpretações do Brasil possuem uma importância decisiva para o entendimento do autor, Fernanda Peixoto faz mais do que eleger aleatoriamente esses interlocutores em seu livro *Diálogos Brasileiros. Uma análise da obra de Roger Bastide*, O diálogo de Bastide com o modernismo brasileiro, com Gilberto Freyre e com Florestan Fernandes são, para a autora, formadores de sua persona intelectual, ou seja, fazem parte de um verdadeiro processo de *bildung*.

Confirma essa ideia a observação de que embora discuta em seus próprios campos e com os seus próprios termos, Bastide irá fazer seu contraponto, buscando sempre a sua contribuição própria. Com Gilberto Freyre, Bastide discute a formação da sociedade colonial brasileira, cujos aspectos centrais, analisados em *Casa Grande e Senzala - latifúndio, escravidão e patriarcalismo -*, teriam marcado profundamente o seu desenvolvimento até aquele momento. Bastide irá concordar com a validade da tese

freyriana para o conjunto do país (contestada por alguns autores, sobretudo do sul) e, ao mesmo tempo, discordar do autor pernambucano, principalmente no que se refere à integridade do patriarcalismo, pois para ele tanto a elite teria se refinado e incorporado uma formação mais cosmopolita desde o século XIX, o que altera as relações hierárquicas entre os membros da família patriarcal, como as relações entre a cultura "branca" e as das outras etnias teriam se modificado substancialmente no domínio privado com o fim da escravidão e a progressiva entrada da mão de obra estrangeira no Brasil. Conforme irá afirmar " há um diferença considerável entre a civilização do açúcar e a do café; esta última não foi acompanhada de uma civilização luso-africana, nem mesmo nas regiões mais atingidas pelo sangue negro"(Bastide, 1941, p.133). Desta forma, sem aderir a uma valorização do passado, ele irá mostrar que, embora a violência e a dominação estivessem presentes na sociedade colonial, do ponto de vista das relações entre brancos e negros, o progresso antes os afastou que os uniu, substituindo o contato físico e uma certa cordialidade das relações por um modo de vida racionalizado em que o negro tanto era considerado "um homem (embora inferior) [como] uma máquina de trabalho". (Idem, p.132)

Tal conclusão, por sua vez, evidencia o diálogo tenso com Sergio Buarque, para quem as relações baseadas no coração, na afetividade e nas paixões, dificultavam a consolidação de relações pautadas por critérios racionais-legais, constituindo, portanto, um obstáculo ao ingresso do país no concerto das nações civilizadas. Ao invés disso, para Bastide, a relação entre tradição e modernidade não será definida a partir de concepções típico-ideais, mas por um modo de composição que aproxima estes termos segundo o princípio da colagem, ou bricolagem, modernista<sup>3</sup>.

Ainda no que diz respeito ao diálogo que marca o começo da trajetória de Bastide no Brasil, ele trava contato com o meio intelectual, mapeando a vida artística e literária da época e atuando como crítico de arte, sempre através do viés comparativo com que analisaria quaisquer outros tipos de manifestações culturais.

---

<sup>3</sup>Ver James Clifford, "Sobre o Surrealismo Etnográfico" em A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998).

Já o livro de 1957, *Brasil, Terra de Contrastes*, é o que pode ser considerado aqui a realização na obra dos princípios que atuaram na biografia: o exemplo de um diálogo polifônico, sob a forma do ensaio, pois as diferentes regiões brasileiras são colocadas em contraste, mas sem qualificar negativamente e reduzir esse contraste àquele que se converterá no centro do debate intelectual da época - desenvolvimento versus subdesenvolvimento. Bastide irá precisamente valorizá-lo, entendendo-o como a variedade, o modo multifacetado pelo qual se pode apreender o Brasil, tanto estabelecendo em cada capítulo um debate com um interlocutor privilegiado, quanto valorizando as inúmeras possibilidades de composição de quadros naturais, geográficos, históricos, sociais, econômicos e culturais contrastantes.

Se, como acabamos de ver, a alternativa interpretativa do diálogo está presente no trabalho de Bastide que acabou de ser citado, *Brasil Terra de Contrastes*, diria que a primeira via de interpretação descrita neste trabalho, a via do ator, está presente de modo mais visível nos capítulos que Bastide escreve de *Bancos e Negros em São Paulo*, livro que resulta do trabalho conjunto com Florestan Fernandes no Projeto UNESCO.

Mas antes de tratar desses capítulos, é preciso referir o fato de que, em 1950, Bastide aceita participar, a convite de Alfred Metraux, da pesquisa da UNESCO sobre as relações raciais no Brasil que, ao final e à medida de seu desenvolvimento, se mostrou altamente idealizada ao supor que o Brasil exemplificava uma experiência de democracia racial que acabaria por, no limite, inviabilizar o emprego do conceito de raça. Se, evidentemente, havia um erro de avaliação dos proponentes do projeto, com este livro, Bastide e Florestan visavam promover a reeducação de brancos e negros para a convivência numa sociedade igualitária. E, neste sentido, os objetivos acabaram se aproximando.<sup>4</sup>

No texto de apresentação à quarta edição de *Branços e Negros em São Paulo*, Fernando Henrique Cardoso também relata as circunstâncias em que pesquisa da UNESCO foi realizada. Esta foi antecedida pelo projeto de Florestan e Bastide de

---

<sup>4</sup> Todo este processo é analisado em profundidade em na tese de Marcos Chor Maio “A história do projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil” apresentado no Iuperj.

replicar aqui o que os pesquisadores de Chicago haviam feito naquela cidade. E pelo apoio de Paulo Duarte, editor da revista Anhembi. Fernando Henrique dá a entender que o ritmo e os propósitos de ambos os projetos não se ajustavam perfeitamente. O trabalho em profundidade foi de certa forma atropelado pelas exigências e propósito do projeto UNESCO: combater o preconceito racial nos Estados Unidos.

Como foi dito, informavam o projeto os pressupostos de que no Brasil as relações interétnicas seriam marcadas pela ausência de discriminação racial e pela quase inexistência do preconceito de cor, dada a miscigenação. Contudo, tais pressupostos não foram assumidos pelos autores. Nem a questão da existência do preconceito era central (ou seja, não se tratava de pura e simplesmente demonstrar a existência do preconceito). “Seu projeto não era denunciante nem panfletário, nem lhes passava pela cabeça escrever um manifesto. Queriam investigar as formas pelas quais as atitudes preconceituosas e discriminatórias se exprimiam e as funções que preenchiam”. (CARDOSO, apud Bastide e Fernandes, p.11).

A pesquisa revelará, portanto, que a discriminação e o preconceito se explica pelo meio social e que, numa sociedade de classes, ambos assumem a função principal de afastar os negros da concorrência com os brancos pelos lugares mais elevados da hierarquia social.

Nas palavras de Florestan, no Prefácio à Segunda Edição, facilitara a pesquisa as relações que Bastide já havia consolidado desde a última década, através da sua pesquisa sobre a religiosidade afro-brasileira, ou seja, “sem a presença de Roger Bastide, dificilmente se poderia contar com a cooperação prestimosa e entusiasta de várias instituições e personalidades do meio negro de São Paulo”.

Os capítulos III e IV do livro, respectivamente, "Manifestações do preconceito de cor" e "Efeitos do preconceito de cor", expressam de forma exemplar a preocupação etnográfica do ator em relatar de modo preciso o fenômeno do preconceito do modo como o experimentam os negros em São Paulo, seja por parte de brasileiros, imigrantes ou por parte dos próprios negros. Exhaustivamente, Bastide descreve o preconceito aberto e aquele mais sutil, abarcando as várias dimensões da realidade em que ele se manifesta para os negros. No esporte, nas profissões, no casamento e nas filiações,

examinando também os efeitos do preconceito sobre a personalidade do negro, nas suas representações ideológicas e partidárias., os aparelhos de controle e repressão, e suas estratégias de ascensão.

Embora merecendo maiores desenvolvimentos, importa destacar nestes capítulos, para os fins a que me propus, a perspectiva adotada por Bastide: o resultado de uma observação participante, os resultados não poderiam ter sido apresentados sem a participação ativa dos negros,<sup>5</sup> entrevistados, o que contrasta com o modo como este mesmo ator é inserido num contexto de relações sociais mais amplas nos demais capítulos do livro.

Como já ficou evidente nos parágrafos acima, embutida nessa avaliação do modo como os negros em São Paulo internalizavam o racismo praticado pelos brancos, está uma crítica ao moderno que as cidades estavam em vias de implantar.

Quanto à via contextualista, identificada. em *Psicanálise do Cafuné e Estudos de Sociologia Estética Brasileira*, obra de 1941, Bastide mantém seu interesse pela relação entre arte e sociedade, ampliando o escopo da sua investigação para o estudo dos mitos, como o do Aleijadinho, das influências raciais nas artes e na música, do barroco no Brasil e, por fim, de uma estética e uma prática do corpo - o cafuné. Assim como Hertz, em “The Pre-eminence of the Right Hand: A Study in Religious Polarity”, duvidaria que uma diferença fisiológica mínima entre a mão esquerda e a mão direita fosse suficiente para dar conta de uma tamanha heterogeneidade de significados entre ambas, (Rodny Needham(ed.), *Right & Left. Essays on Dual Symbolic Classification*, p.14) também para Bastide o cafuné significaria muito mais que um mero ato de higiene corporal, chegando a ter, entre outras finalidades, ou funções, o papel de substitutivo do amor lésbico e do desejo incestuoso. Este é um momento da ensaística bastidiana em que os termos e as categorias da explicação psicanalítica -condensação, deslocamento, catarse - são eles próprios parte integrante do objeto sociológico, pois é impossível desconsiderar na compreensão de uma sociedade o desejo, a censura, o recalque, o conflito, assim como o

---

<sup>5</sup> Vale notar que o capítulo não recorre à quaisquer recursos bibliográficos.

modo como cada um desses móveis da ação humana pode ser modelado pelas circunstâncias sociais e históricas.

Ao transitar entre uma grande variedade de temas ou ao tratar de um mesmo sob diferentes perspectivas disciplinares, Bastide forma, segundo o princípio da *bricolage*, um extenso e variado mosaico sociológico do Brasil. E é por intermédio de uma espécie de "método caleidoscópico" que ele irá nos mostrar que o resultado, sempre movediço, dependerá dos ângulos através dos quais cada detalhe, cada parte de um todo, é observado pelos envolvidos no processo de investigação, o que constitui, por si, um efeito-demonstração, ao mesmo tempo que uma *mimesis*, do modo como, a seu ver, opera cada cultura e cada civilização.

Por fim, *Poetas do Brasil* é um título que merece um tratamento cuidadoso no sentido em que talvez aponte para caminhos não previstos nas alternativas de análise descritas. Nos capítulos que abrem e fecham o livro, respectivamente, "A incorporação da poesia africana à poesia brasileira" e "Incorporação do Brasil à poesia francesa contemporânea", a comparação é produzida entre modos de assimilação do elemento subordinado - seja o negro e sua poesia, seja o Brasil imaginado pelos poetas franceses. Se a primeira incorporação tenderia para a fusão - "a obra de transfusão já está terminada; o sangue do homem de cor já corre nas veias da poesia do Brasil" (Roger Bastide, 1997, p. 55) - a segunda mostraria a dificuldade de uma assimilação do Brasil pela França, mantendo aquele seu caráter de país exótico, mesmo que o exotismo tenha adquirido ao longo do tempo feições e sentidos variados. Ainda neste livro, o capítulo "Bouquet de Poetas" analisa a relação entre subjetividade e mundo na obra de seis poetas brasileiros contemporâneos (pela ordem, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet e Carlos Drummond de Andrade), nos quais o aspecto formal não é meramente derivado dos interesses e dos condicionantes sociais dos autores, mas interfere ativamente, como mediador, entre um determinado tipo de subjetividade e as circunstâncias objetivas nas quais estes se encontram inseridos

#### BIBLIOGRAFIA.

BASTIDE, Roger. *Psicanálise do cafuné*. Curitiba: Guaíra, 1941.

\_\_\_\_\_. “Structures sociales et religions afro-brésiliennes”. In: *Renaissance*, New-York, n° 2/3, 1945, pp. 12-29.

\_\_\_\_\_. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo: Difel, 1957.

\_\_\_\_\_. *Poetas do Brasil*. São Paulo: Edusp; Duas Cidades, 1997.

\_\_\_\_\_ e Fernandes, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Global Editora, 2008.

BEYLIER, Charles. *L’Oeuvre Brasilienne de Roger Bastide*. Thèse de Doctorat de. 3ème cycle. Paris, 1977. 2 vols.

CLARK. Terry Nichols. *Prophets and Patrons. The French University and the emergence of the social sciences*. Massachusetts/Cambridge: Harvard University Press, 1973.

CLIFFORD. James. *A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998

NUCCI. Priscila. *Roger Bastide. Recriações da Sociedade, Raça e Religião no Brasil (1938-1973)*.

PEIXOTO, Fernanda. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo, Edusp/FAPESP, 2000.

PONTES, Heloisa. “Brazil com Z. A produção estrangeira sobre o país, editada aqui, sob a forma de livro, entre 1930 e 1938”. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1995.

QUEIROZ, M.I.Pereira de. Uma nova interpretação do Brasil: a contribuição de Roger Bastide à Sociologia Brasileira. In: REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. Universidade de São Paulo, 1978, n. 20.

\_\_\_\_\_. “Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide”, in M.I.P. de Queiroz (org.), *Roger Bastide*. São Paulo, Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, 1983.